

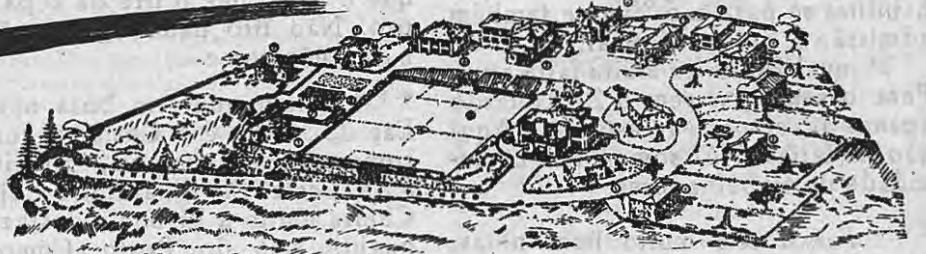
Redacção, Administração e Proprietária  
**CASA DO GAIATO - PAÇO DE SOUSA - Teif. 5 Cete**  
 Composto e Impresso na  
**TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO - PAÇO DE SOUSA**

Director e Editor  
**PADRE AMÉRICO**  
 Vales do Correio para CETE

AVENÇA



# Gaiato



Visado pela  
 Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

— ANO IX N.º 215 Preço 1\$00

## Nota da Quinzena

*Ela vem raras vezes visitar o seu filho; já percebeu que isso é contra os nossos costumes. De rara também é discreta. Manda recado pelo seu filho e retira-se com ele para um sítio ameno da quinta, aonde mastigam a bucha que ela traz. Ao meio dia o filho responde à sineta e acode. Ela vem por outros caminhos. O refeitório é situado na casa mãe. Uma escada monumental, em círculo, diz para um espaçoso átrio e este para o refeitório. A dividir, há uma porta envidraçada. É aqui o mirante daquela mãe. Ela trouxe consigo os sentidos mai-lo coração e é com eles e com este que observa. O filho lá está. Entrou com a multidão e tomou à mesa o lugar do costume. Ela destingue-o. Vê os seus passos e gestos. Sente-lhe o bafo. Tantas coisas que àquela hora interessam os visitantes e também a ela o deveriam fazer. A alegria da hora, a indumentária dos serventes, a presença do chefe, o ruído da cozinha — tantas coisas e ela não dá fé. Por detrás e à mesma hora, passam dezenas dos grandes para o seu refeitório e da mesma sorte, para o seu, dezenas dos mais pequeninos. Ela, a mãe, continua colada aos vidros da porta sem de nada se aperceber. É assim o extase dos santos!*

*Levou muito tempo que ela me visse e eu estava bem pertinho! Mal me viu deixou tudo e fala-me.*

— Quem namora?

— O meu filho!

*Eu dizia ali bem. Podia fazer parte do extase maternal. Sou guarda do seu tesouro.*

*Se o homem animal despreza e bota fora, o espiritual apanha, aproveita, burla e devolve. Sim. Eu podia participar daquele momento maternal.*

*O rapas de quem falo, ainda não faz este ano a 4.ª classe; temos de esperar mais um. Entretanto eu estudo o seu caso. Quero arranjar-lhe o melhor emprego. Acompanhá-lo até ao último degrau e fazer entrega à sua preciosa mãe que, por aquilo que eu noto, ela o foi desde a hora que o concebeu.*

*O que o homem animal despreza, o espiritual saiba aproveitar e assim honramos o Sangue de Cristo.*

## UM EQUÍVOCO

A *Obra da Rua* nasceu há onze anos e teve por padrinho um estatuto dado pelo governador civil de Coimbra. Um outro estatuto, pelo governador civil do Porto. E o último, foi na Arcada, por um magistrado da Nação. Todos dizem essencialmente o mesmo, porque inspirados na mesma Lei. Aceitei os três instrumentos. Tinha evidentemente de me munir deles, para ter voz nos Ministérios. Não me deixariam, tão pouco eu poderia, só por mim, fazer a demonstração do Incrível, sem primeiramente me acreditar. A história universal está cheia destes casos, em todos os campos aonde o homem passa a ser chamado. Nós sabemos e cuidamos que isso foi outrora, sem reflectirmos que também pode ser hoje. Pode, sim. Eu estou a fazer história. Aceitei os três documentos como facilidade de agir, mas nunca com o propósito de fazer como lá vem. Eu nunca li nenhum deles.

Dez anos andaram. As provas estão feitas. A *Obra* acreditou-se. O Incrível aparece em beleza estonteadora. É tempo de desfazer o equívoco. Nós não somos uma *Obra* de Assistência.

Sem olhar ao cofre, vamos direitos às feridas do Pobre. O abandonado que nos bate à porta, entra e ao depois, vamos procurar o seu pão. Uma *Obra* de Assistência não faz assim.

Nós somos a porta aberta ao indigente de qualquer terra, cor, idade, credo. Todos os defeitos. Todas as pustulas. Todos os vícios. Eles são nossos em qualquer tempo, em todo o local, todas as idades, na vida e na morte. Quando, pelos Finados, os nossos mais pequeninos pedem dinheiro para assear as campas dos seus irmãos mortos, dizem que não somos uma *Obra* de Assistência. E também dizem a mesma coisa, se nos pedem um presente de anos, se vão mais eu dar um passeio, se viajam de avião, se vão para a África em 2.ª classe, levando na sua bagagem o smoking branco das festas. O *Papagaio* na sua bicicleta, confirma. Temos vivido num equívoco e nada mais.

Famílias que somos, aonde o Pai come à mesa e reparte com seus filhos, não nos parece avisada nem necessária a jurisdição da Assistência. Esta tem de se exercer, sim, mas doutra maneira e por razões mais altas que os simples subsídios. Para isso estou aqui. Para isso venho hoje a esta coluna chamar pelos Homens de boa vontade, que me ajudem a sair da encruzilhada, com um corpo de doutrina nova. Onze anos de vida dão a matéria. Odrés novos, que o vinho é novo. É tão espumante a nossa acção, que a antiga lei não nos comporta. Poderá alguém tomar-nos por indisciplinados, mas isso é outro equívoco.

Por ora não, que estou a prepa-

rar-me para a viagem ao Ultramar, mas no regresso sim. Na volta sim. Sem favor, nem privilégio, nem nada de pessoal, havemos de trabalhar por uma lei nova para reger uma coisa nova. Quem sabe se desta visita a Luanda e da simpatia do Ministro e governador da Província, não surgirá um capítulo da futura lei que nos vai libertar; — quem sabe? A nossa *Obra* pode ser uma coisa muito séria em África e honrar ali o sangue dos Pioneiros. Pode sim senhor. O mais difícil está na nossa mão: formar a consciência do colono. O acessório, poderá vir de uma visita demorada às possibilidades das nossas quintas e oficinas. Seja como for, ao contrário do que sucedeu no princípio, nós hoje desejamos ter a palavra ao pé do Legislador que nos conheça e ame e saiba e possa.

Uma condição que se há-de pôr como garantia de vida, é a supressão do direito às heranças. Estamos condenados a receber uma de Sintra, que já andou aqui no jornal; e há pouco, tivemos conhecimento de uma outra, de algures. Tremo de medo ao abrir cartas de Notários, não tragam elas notícias dos mortos. São frequentes as que recebemos a pedir conselho: *tinha o meu testamento a favor da Obra, mas como v/ não aceita, aconselhe-me.* E eu despacho, como ministro do Padre Eterno: *Dê a outros.* A Igreja não quer heranças. São os homens.

Por estas cartas vejo eu qual não seria amanhã a nossa desgraça, vinda até nós pela letra de um estatuto! Não. Agora quero falar. A *Obra* já tem dentes e pergaminhos.

Falou-se há dias de um pobre homem que precisou de viver e de morrer com trinta mil contos no bolso das calças! Que seria da nossa *Obra*, se nos viesse a cair em casa uma tal miséria? E como nos poderíamos livrar dela, com o estatuto que pretende governar-nos, — como? Não senhor. Nós havemos de falar.

Não se tenha medo de réplicas à *Obra*. Ninguém fala assim. Ninguém sente assim. Tem-se medo! Nós havemos de ser sempre a Única. O *Padre da Rua* é por natureza da obra um homem esmagado, vivendo continuamente da sua Fé no Incrível e contra toda a esperança. Basta que conste do futuro estatuto que toda a herança à *Obra* passa automaticamente para a Assistência Pública, para todos fugirem dela.

O vulgar, todos o sabemos, é criarem-se obras chamadas de assistência com o fim primário de caçar. Algumas delas pretendem ser, até, obras da Igreja. Nós sabemos. Nós conhecemos. Nós ajudamos.

**ADQUIRA O II VOLUME**

do «ISTO É A CASA DO GAIATO»

## ATENÇÃO; MUITA ATENÇÃO

*É no próximo dia 12 de Junho que os gaiatos vão ao Coliseu. Vai ser o fim do mundo! A Empresa já anda a colocar mais bancadas, mas nem assim; muitos não-de ficar à porta!*

*Vem uma deputação do Tojal. Vem uma deputação de Miranda. Uma dita de Coimbra. S. João da Madeira, apresenta-se em peso. O Lar do Porto na mesma. Daqui, vai uma enxurrada.*

## O Amadeu foi-se embora

*O vapor Pátria levou mais um dos nossos para a Zambézia. Júlio, seu irmão, foi-se despedir ao cais. Padre Adriano mais eu estávamos. Eu tinha-o no meu pensamento quando me dirigi ao Director da Sena Sugar, Luabo, a pedir lugar para mais um companheiro do António Teles, que ali se encontra há dois anos. Tinha-o no meu pensamento, digo, e a resposta não se fez esperar: Se o rapaz que você propõe é da força do António Teles, esta Companhia só tem vantagem em recebê-lo. Um mundo de grandeza esconde-se nesta frase tão pequenina!*

*Na véspera do embarque, estivemos no escritório daquela importante Companhia, aonde o Amadeu, como qualquer filho de algo, assina o seu contrato o qual, por ter sido feito em Londres, traz a efígie do Rei Jorge VI da Inglaterra. Eu sou testemunha. Depois, Amadeu, ouve ler as condições em que pode, se quiser, participar das garantias sociais do Estatuto de Previdência da Sena Sugar. Amadeu disse que sim. A sua reforma antes da velhice, é de 85 por cento do seu ordenado. Eu sou testemunha.*

*Amadeu, ali mesmo, declarou a sua vontade de deixar à mãe uma mesada de que a Companhia tomou conta e pagará na terra e à pessoa indicada. Desta sorte, a mãe do Amadeu, doravante, pode ir ao asilo buscar duas filhinhas que ali tem e trazê-las para a sua companhia, por quanto, os filhos pertencem aos seus pais por natureza e por direito. O asilo é o fruto duma doença. Amadeu repõe as coisas e as pessoas no seu lugar. Eu sou testemunha.*

*Nunca andei tão cheio em Lisboa como naquele dia. Cheinho. Era tudo sólido. Tudo concreto. Tudo verdade. O Colosso da Sena Sugar. O Amadeu.*

(Continua na 2.ª página)



\*\*\* O Manuel Pinto, assistente do Júlio Mendes encontra-se actualmente no Lar de S. João da Madeira, aonde está de chefe. Carlos Inácio teve de ser retirado para se entregar totalmente ao estudo e desta sorte habilitar-se para o 5.º ano e também admissão à Escola Normal.

Manuel Pinto fez muita falta aqui. Para o seu lugar vem o Zé Eduardo apenas acabe os seus estudos. Aqui não há férias. Nós somos uma comunidade de trabalhadores.

\*\*\* *Faisca* tem muito boas netas. Estou muito contente com ele. *Faisca* há-de ser um grande professor da Casa do Gaiato. Ontem estive em S. João da Madeira. Ele estava na

## OS NOSSOS LIVROS

Isto é, as nossas edições. O Júlio Mendes já deu à tipografia a pompa de Editora! Para onde caminha esta gente?!

O livro actualmente em distribuição, anda por lá a morder e muitos nomes que não receberam o primeiro volume, pedem agora este e o segundo. Isto é a Casa do Gaiato!

*Preta e Malalaia* continuam firmes na sua tarefa de dobrar e pôr as capas. O carro de mão, faz as suas viagens à estação. Zé Eduardo, que é agora o do livro, regista. Ele já fez uma descoberta, como ontem me disse. São os nomes. Nomes femininos. Diz o Zé que é frequente aparecer um nome a pedir o segundo volume, com apelidos que não tinha no caso do primeiro. De certo casou-se, conclue o rapaz. Pois é. É bem que assim seja. Será a família em vez do indivíduo, a tomar sentido na doutrina do segundo volume.

Nós pretendemos que muitas famílias nos conheçam. Muitas nos leiam. Muitas nos amem. Que por nós, amem o Próxio. Que por este, amem a Deus. Nós pretendemos, sobretudo, que leiam os nossos livros os que se dizem descrentes. Os ressentidos. Os cansados de viver. Pretendemos entrar em casa dos publicanos e dos pecadores e dos mal julgados.

Os que nunca entraram dentro de si, esses é que queremos sejam nossos. A estes se pretende que o livro morda e faça sangue.

Eu tenho que isto é fazer apostolado. O apóstolo de hoje é isto mesmo. O livrinho pró grupinho não dá nada.

O *Burro* vai na quarta folha. Vamos a ver se no meu regresso de África se começa a distribuir. São dez mil.

O seu primitivo ninho donde ele saíra com penugem por via duma desgraça, hoje totalmente recuperado! Tudo isto tomava dentro de mim tal forma e tal vulto, que me sentia magado: e sem dar fé do que ia pelas ruas de Lisboa, eu rezava. Rezava sozinho. Pedia a Deus que me não abandonasse. Há comoções que matam!

# Isto é a Casa do Gaiato

copa a lavar a loiça e veio pedir-me que o livre; que o tire da copa. Não tiro. Não tiro nada. Quem não trabalha não come.

\*\*\* Outro que tem boas notas no Lar do Porto, é o Costa, a quem os companheiros chamam, por ironia, o Sr Costa. Ele é natural de Lisboa. Cheira muito a Lisboa e desfaz tudo quanto seja do Porto. Como sabe que nós andamos interessados em abrir um Lar na capital, Sr Costa não tem parado de perguntar quando e em que rua.

\*\*\* *Piolho* tornou a Paço de Sousa. Vinha ver se acaçava um fato mas como, segundo ele, tem de ser uma coisa muito bonita e os bonitos já tivessem andado, *Piolho* foi-se embora sem ele e a senhora da rouparia, no desejo de o servir, foi-lhe buscar um fato preto quase em primeira mão e ele desatou a fugir.

*Piolho* tomou o seu pequeno almoço à minha beira e como quer que eu encarecesse a sua tijela de leite, *Piolho* disse-me que não. Que agora também toma todos os dias uma malga dele. Que a senhora teve pena de o ver com cara de doente e resolveu assim. Muito deve ter gemido o *Piolho* para convencer a senhora!

\*\*\* O meu último sermão na capela sobre ninhos e passarinhos, deu resultado. Um resultado. Aqui mesmo na avenida encontra-se hoje um ninho nos braços dum pequenino cedro e a passarinha anda no choco. É mesmo rente aonde todos passam e todos olham. Cabeça e rabo de fora, a passarinha também olha e parece estar nas melhores relações com cada um... Ontem, domingo, os visitantes encheram a aldeia e um gaiato colocou-se ao pé, a defender!! A muito custo permitiu que um visitante tirasse uma fotografia.

\*\*\* *Presidente*, chegado ontem da venda, declarou-me que tinha caçado cinco polícias: *acacei cinco polícias*. Esta afirmação foi-me atirada de surpresa e devo confessar aqui a minha inquietação. Com o *Presidente*, tinham entrado e estavam ali o *Areosa* e o *Bernardino* e o *Malhado*. Olhei para cada um deles, como quem espera segunda versão de um facto tão singular; mas eles não me diziam nada. *Presidente*, por sua vez, continua. *Foi à porta da Brasileira*. *Pior*. O *Ical* e a hora aumentavam naturalmente o descrédito da autoridade. Muitos devem ter observado. *Acacei os todos cinco; estavam todos juntinhos*. Nesta altura quis saber. Estava disposto a ir por aí abaixo pedir desculpa e sugerir-me. Foi então que soube tudo da boca do *Malhado*. O *Malhado* tranquilizou-me. Foi assim: os dois desciam a rua e viram ao longe, à porta da Brasileira, cinco Guardas de Segurança. *Presidente* diz ao *Malhado* que vai vender a cada um seu jornal. *Malhado* diz que eles não compram. *Presidente* diz que sim e para tirar as teimas, dirige-se a cada um e cada um comprou o seu. Ora aqui está. *Acacei cinco polícias*.

\*\*\* Zé Eduardo chegou ontem à noite e eu disse-lhe para se apresentar ao Júlio. Zé Eduardo depois de assim ter feito veio passar um bocadinho ao pé de mim. Senta-se e pergunta se pode e oferece-me e eu cá na tentação.

Era uma recordação da nossa viagem ao Brasil; queimamos cada um seu cigarro. Zé Eduardo, tendo falado das coisas de Coimbra e da sua viagem, entra agora noutra matéria. Como vem para trabalhar, ele propõe que, em lugar da pensãozinha

de costume, seria melhor uma espécie de ordenado. A palavra é dele. Aquele espécie fez-me espécie e eu disse-lhe que isso não estava na minha mão. Era Júlio quem devia julgar no fim do mês. Zé Eduardo torna à carga e diz que no fim do mês não. Que lhe convém mais à quinzena. Tem a palavra o Júlio. De hoje em diante ele é um súbdito do Júlio.

\*\*\* Zé Eduardo, logo no primeiro dia adormeceu! Eram nove horas e meia quando se apresentou!! O Júlio foi à do cabo e deu-lhe as oito por horário, e que tivesse muita cautelinha... Zé Eduardo é um gigante ao pé do Júlio, sim, mas aqui, como lá fora, os homens não se medem aos palmos. Zé Eduardo tendo ouvido o inexorável, torna a vir ter comigo. Que é muito cedo. Que o Júlio é muito duro e mais coisas. Eu mandei-o embora e que se apresentasse às oito e que fizesse tudo como lhe dissessem, como era costume dos seus antecessores. *Piolho* era assim. Eu cá não me devo intrometer. Se a nossa desordem, sem mim, é ordenada, comigo à frente seria o contrário. Por isso não me intrometo, não discuto. Não acuso nem defendo. Zé Eduardo tem de se medir com Júlio e acabou.

\*\*\* Hoje estive comigo um dos nossos maiores a quem ontem chamara para conversar e convidá-lo a submeter-se a um castigo. Como se tratava de uma coisa dolorosa e o rapaz anda nos 20, tive de usar palavras e argumentos que servissem, por natureza, de uma cura antecipada à ferida que lhe ia causar. O castigo constava de duas partes, qual delas a mais dolorosa. Naquele dia ausentei-me e fiquei no Lar do Porto. O assunto, enquanto por lá andei, foi a dúvida; eu não sabia até onde o castigado seria capaz de chegar. E rezava. E ia rezando pelo caminho, preocupado, baixinho e confiante. Aqueles mortais que Deus escolhe para fazer milagres entre os mortais, dá-lhes por graça, o estado da oração. De regresso, soube que o rapaz tinha sido generoso! Tinha dado tudo que eu lhe pedira!! Bendito seja o Senhor Deus de Israel! Em paga do que ele fez e enquanto me dizia como tinha cumprido, eu fi-lo sentar ao pé de mim; assim como ontem, tornamos hoje à conversa.

Eu quero ser amado. Mesmo castigando, eu não quero ser temido. Foi até por estas palavras que comeci o discurso do meu felicíssimo rapaz: *aquele a quem Deus ama castiga*. Isto é uma verdade eterna. Com este fundamento disse-lhe que o tenho em tal conta e tão alto o quero erguer, que terei de lhe fazer sangue mais vezes. O rapaz estava sentado à minha beirinha. Eramos ali da mesma altura. Ele compreende o sangue que ontem lhe tinha feito e prometeu, ali, que aceitaria de bom ânimo outras provas semelhantes. Temos aqui um homem. É para estes e outros assim, que eu, aos 64, vou-me ausentar e medir e ver possibilidades de lhes dar em África o que eles merecem.

\*\*\* Padre Adriano e Horácio estiveram aqui a tomar parte na reunião mensal. Reunião dos três.

Vindos de Coimbra, estiveram no Lar de S. João da Madeira e visitaram ali as casas do Património que em breve serão habitadas. De passagem pelo Porto, estiveram e almoçaram com os rapazes; tendo visto e medido a casa anexa que tivemos a felicidade de alugar e assim dividir idades de uma comunidade. Aqui,

meteram o nariz em tudo e foram a Galegos visitar as seis famílias ultimamente instaladas nas seis vivendas do pequenino bairro. A reunião seguinte ficou marcada para o Tejal. E assim todos os meses. Por sermos apenas três, temos de puxar muito certos e sabermos tudo uns dos outros. Não esconder. Não simular. Cartas na mesa. Se perdessemos a confiança uns dos outros, os rapazes começariam a desconfiar de nós e era o desmoronar. Assim não. Assim, felizmente, não. Eles compreendem o fim das nossas reuniões. Sabem que por eles as fazemos. Que deles e só deles nos ocupamos. E eles retribuem. E formam-se. E engrandecem-se. E querem ser conhecidos. E amam a Bandeira Portuguesa.

\*\*\* *Malhado* e *Preta* andaram ontem à bulha e este ficou por cima. Ambos são alfaiates. Já aqui há tempos, *Preta* e *Papagaio* pegaram-se e aquele ganhou. Eu cá ando à espera. Ando à espera sim e só desejo ter ocasião de vir aqui dizer ós senhores leitores que *Preta* apanhou uma valente sova de outro com quem se venha a meter. Espero s m senhor. Que isso venha breve.

\*\*\* Segundo consta na aldeia, o *Manel do Embrulho* nunca mais tornou a andar na bicicleta dos quatro; o barulho que ele armou por causa dela e sobretudo a sua atitude agressiva para com o *Bernardino*, liquidaram-no. Nunca mais o *Manel do Embrulho* se gozou daquele amor. *Papagaio* e *Bernardino* entendem-se lindamente. Eu andava até a cismar, de como aquilo era possível, quando alguém me explicou. É que eles fizeram uma combinação entre si; andam às semanas. Semana um semana outro. Não chamaram por ninguém para resolver esta importantíssima questão. Sim, importantíssima. Isto de haver só uma bicicleta para tantos que a desejam e a espreitam e a disputam, se aqui fosse como lá fora, já teríamos a esta hora uma questão internacional. Não faltariam aqui intérpretes e os técnicos e os sábios. Assim não. Como nós somos um mundo no mundo, *Papagaio* e *Bernardino* combinaram fraternalmente e como irmãos se entenderam. Cada semana um. Pronto.

\*\*\* O Júlio II veio-me comunicar que o António carpinteiro não lhe quis dar hoje o rapaz que sempre lhe tem dado, para o auxiliar na expedição do *Famoso*; e que abertamente lhe dissera, ao tomar aquela atitude: *ou cá ou lá*. Eu exulto de alegria ao tomar conhecimento destas decisões fortes. O António carpinteiro tem razão. António carpinteiro é inteligente. Vê no pretendido um futuro artista. Quer que ele aprenda. Compreende o atraso, se ele andasse cá e lá, e não está com meias medidas. Gosto destes rasgos. A nossa oficina de carpinteiros é hoje a menina dos meus olhos. Quanto não batalhei interiormente até ganhar a partida em andar embora estranhos para ficar ao António por chefe,—quanto não batalhei! Neste e noutros casos da minha vida, tenho aprendido que um homem, ainda que pela sua posição tudo de si dependa, ele não pode fazer o que quer. Há os outros. Outros critérios. Outras sentenças. Mas neste caso venci. António carpinteiro, rapaz da Obra, é chefe zeloso dos seus companheiros. Outro que fosse não se importava. Não se lhe dava. Este não. Este é da casa. Tem dores. Acode pelos seus, mesmo que um companheiro os venha pedir: *ou cá ou lá*.

António carpinteiro quer ir para a África e eu disse-lhe que sim, quando ele me fizer um chefe. Quem sa-



## Boas notícias

Acabo de chegar da mata da nossa aldeia, aonde as obras continuam e já semeamos uma tonelada de batatas em terreno recuperado. Para o ano, muito mais e nos seguintes, mais. Sempre mais e melhor.

Sem ser cientista, dei no vinte e encontro-me com eles; os jornais dizem que uma comissão de várias nacionalidades anda a estudar de como se há de ir aos desertos buscar de comer, preocupados com o problema da natalidade—um por segundo, dizem. Ora eu cá ando. Cavar por mais largo e mais fundo. Eis.

Que ele, a bem dizer, o problema da natalidade não é nosso, nem está nas mãos dos homens, mesmo que sejam cientistas. Muito ao contrário, se estes verdadeiramente o são, logo dão fé e reconhecem que no grão de arca entra uma inteligência superior à deles, antes da deles; e quedam, e perguntam, e estudam,—e tomam o seu lugar no conjunto universal. Ninguém desfaça o que Deus faz. Ninguém separe o que Deus junta. Ninguém se contente com o nome de Supremo Arquitecto, ainda que seja com mais utilidades, como outros fazem. Aquilo é um nome e Deus é um Ser que nos chama à pedral.

Os cientistas que vão agora para os desertos em busca do pão, acertam. Assim está bem. Talvez estes, por terem já visto e medido os perigos, hajam descoberto que o Primeiro Mandamento é o início de toda a ciência e daí, vão cooperar com o Creador e buscar alimento para os pequeninos que chegam de segundo a segundo. Assim está certo.

Matar não. Regular não. Evitar não. Tudo são fraudes e até podem ser crimes. É mais honesto, mais avisado e mais seguro cooperar com Deus nas maravilhas da Creação.

Eu cá ando. Semente à terra. Batatas. Para o próximo, estas e centeio. Para os seguintes, batatas, centeio, laranjas e limões. Mais tarde, batatas, centeio, laranjas, limões, azeitonas e azeite. Mesmo que a ciência venha a progredir e os cientistas a multiplicar-se e chegue a ordem à Casa do Gaiato de matar os que não prestam, eu não obedeco. Não cumpro. Amo-os mais e lanço à terra mais semente.

be se não é o pretendido do Júlio que ele já traz no peito? Seja como for, eu estou contente. A oficina de carpinteiros já é o selo vivo da nossa Obra. Não há ali bigodes. António carpinteiro, usando o seu próprio critério, fechou os dinamos. Deus serras aos seus companheiros e estes, à noite, nem podem dormir de cansados! Isto é maravilhoso, sobretudo por ser obra deles. Ninguém é capaz de fazer melhor. Tenciono estudar muito nesta modesta viagem que vou fazer. Havendo lugar para isso, no regresso, vamos ampliar. Carpinteiros. Mais carpinteiros e menos doutores. Até aqui era a América; hoje o novo mundo está na África e está tudo por construir.

## PELAS CASAS DO GAIATO

**TOJAL** No passado dia 3, partimos no nosso Prefect com o Senhor Padre Adriano ao volante e num Anglia do A.P. dirigido pelo Pedro rumo a Fátima, onde fomos tomar parte na 2.ª Concentração Vicentina. Se tivessem ido mais dois seria a nossa Conferência toda. Apenas parámos demos logo de caras com o Senhor Padre Horácio mais logo de Miranda. Mais tarde chegaram também os de Coimbra. Só os de Porto é que não apareceram, e bem lhes sentimos a falta, porque em contacto com mais experientes, sempre aprendemos muito. Depois de cumprimentarmos a Mãe do Céu na sua Capelinha, fomos visitar o João, nosso antigo confrade que no Seminário se prepara para missionário. Ele gostou muito de nos ver e nós gostámos imenso de o ver. Terminadas as cerimónias nocturnas, que culminaram com a Missa de uma hora, fizemos de pobres, com muita alegria, enrolando-nos nas mantas e dormindo regaladamente — Senhor Padre Adriano inclusivé — no soalho numa sala da Casa dos Retiros. No Domingo, assistidos à Missa e encafezados, fizemos a reunião dos Gaiatos vicentinos, animada e cá à nossa moda, tendo falado todos mais ou menos baixo e falando alto os três presidentes e o nosso Assistente, que disseram coisas dos Pobres e do que uns fazemos ou queríamos fazer.

### Património dos Pobres

Desde que começamos a dar corpo e vida a este movimento vicentino, não faltam aqui à nossa porta cartas de toda a ordem a pedir que levemos esta acção redentora a outras terras e a outras famílias. Os casos que nos apresentam como sendo a última palavra, estão longe de o ser. Nós conhecemos outros. Conhecemos muitos mais. Alguns deles aqui perto, que falam muito mais alto e são dontra perfeição! Isto quer dizer que a construção de casas para pobres é o cao dos nossos dias. Isto quer dizer que os homens de fortuna não podem cruzar os braços à espera de outros. Vamos erguer casas. Vamos libertar os pobres. Vamos honrar o nosso nome.

Na nossa última reunião, Padre Adriano conta-me de como é assediado pelo povo do Tojal. Os mais pobres procuram-no. Os da barraca querem morar com decência; e mais, ali, está, ó uma casa feita. Aqui em Paço de Sousa e redondezas, como estão 17 delas já habitadas, os pobres não largam a nossa porta. O domingo é o dia preferido. Ao sair da capela e quando me preparo para o meu café, nunca o tomo doce. É amargo! Por muitas razões me sinto mal.

Tantos pobres! Tanta urgência! Porque há-de ser um sòzinho numa tarefa que devia ser aflicção de todos, porquê?! Um cristianismo sem Cristo é um nome. O que faz o cristão, é Jesus. Pobres que aparecem àquella hora e naquele dia, alguns arrastados pelos anos e doenças, vencendo distâncias quase, sem poder; eles, testemunhas da presença de Jesus na terra. Os Seus recomendados; os Seus mais próximos, vêm à Casa do Gaiato pedir o que por natureza e direito lhes pertence! E o mundo não os vê passar! Não pergunta. Não se importa. Não se afflige. O mundo quer outro Jesus para si: ser cristão por um outro cristão! Isto é o favor da alma que me torna o café amargo!

As duas casas de Ribas serão entregues dentro em dias. As duas casas de S. João da Madeira vão ter a mesma sorte. Estamos a cortar pedra para um pequenino bairro à beira da estrada, numa freguesia deste concelho. Ontem estive ali com o mestre e também estive o Pároco da freguesia, que põe à disposição o terreno necessário.

Fomos seguidamente à grande reunião onde apreciamos discursos. Eles explicaram-se bem, mas os nossos, antes, é que foi. Era mais família, mais o pobre. O Senhor Patriarca é que encerrou; não esqueceremos tão cedo a palavra do nosso Pastor e Guia.

A Missa e bênção dos Doentes e a Procissão do Adeus fecharam esta concentração, donde viemos com maior força e coragem de trabalharmos pelos nossos Irmãos mais necessitados.

—Neste mundo há gente capaz de tudo. Pois queiram saber que na noite de 12 para 13, enquanto em Fátima se rezava e cantava, uns ladrões arrombaram-nos a porta da Casa de Trabalho e roubaram de lá a máquina de costura «Husqvarna» que nos tinha sido oferecida e um ferro eléctrico que tínhamos comprado com o produto de um teatro.

Parece que andam todos apostados em dar cabo do bem que o Senhor Padre Adriano quer fazer à população do Tojal. Com que é que as raparigas agora hão de coser e engomar?

Senhores ladrões quando é que ganham juízo ao menos lembrem-se disto: «Nunca roubem aos Pobres»

CARLOS ALBERTO LOPES

### PAÇO DE SOUSA

Chegou o mês de Maio. Tempo dos grilos. Os nossos rapazes aos recreios, vão a eles. À noite, à hora do terço, somos nós a rezar e os grilos a cantar. Parece que não está certo, mas para nós está. Não sabem rezar—cantam! O pior é quando os carpinteiros deram pela falta de pregos. Vão lá para fazer gaiolas, para depois meter o seu grilo dentroll!

Na nossa mata andam agora trabalhadores a preparar um laranjal. As que temos são muito poucas. Mas felizmente, têm estado sempre no sítio... Não estava bem que o Pai Américo mandasse tratar disso, para a beleza da nossa quinta, para depois, andarem em cima delas, a ponto de desaparecerem! Não. Nós não fazemos isso. Eramos injustos, se o fizéssemos. Mas depois delas estarem amarelinhas como o ouro, é que se vê...

No passado domingo dia 4 de Maio, veio uma excursão em visita à Casa do Gaiato, juntamente com um grupo de futebol para jogar contra os gaiatos—reservas. Saímos vencedores. Não por sermos mais felizes do que eles, mas sim, pelo esforço que revelamos para obter a vitória final de 3 bolas a 2. O jogo começou às 15 e 30, com a arbitragem do Sr. José Agostinho que foi regular.

A nossa equipa formou: Rogério; Júlio, Caminha e Rui; Jacinto e Santa; Abel, Araújo, Águas, Matateu e Malaia.

Uma primeira parte de verdadeiro esforço por nós, fizemos o primeiro gol. O nosso médio toca a bola para Malaia que corre e centra; o nosso avançado—centro não teve dificuldade em marcar. O jogo continua a decorrer. Entretanto os adversários formam uma avançada perigosa para a nossa defesa, mas nada resultou, depois de uma grande defesa a canto do nosso guardião.

Rogério põe a bola em jogo, que é apanhada por Matateu, que passa a Águas e este corre com ela, mas entretanto vem o adversário que o empurra; o árbitro marca penalidade; a assistente protesta mas não resulta. O castigo é apontado por Malaia, que dá o segundo tento para a nossa equipa.

O jogo continua; os adversários causam avançadas perigosas, que a nossa defesa sabe bater-se bem com elas; nova avançada pelo lado esquerdo, que Rui alivia; a bola vem cair junto de Matateu que finta o adversário e com um toque dá a bola a Araújo que corre com ela em

## Eu vou à ÁFRICA

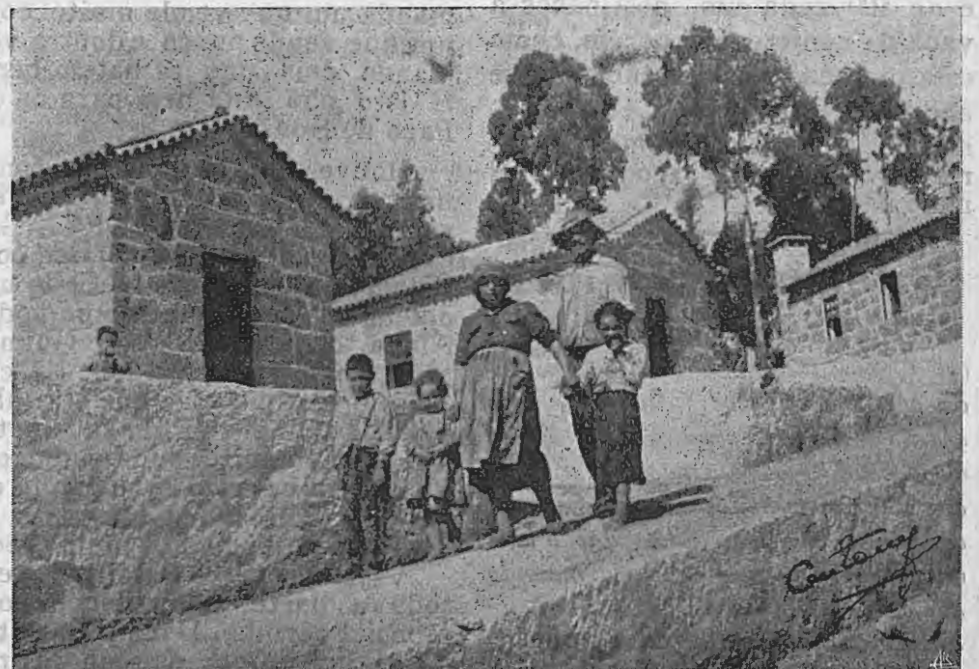
Alguns jornais já o disseram e agora digo eu. Vou sim senhor. Como e quando, ainda não posso dizer. Com quem, também não sei, muito embora tivesse já lido num jornal do Porto o nome do Carlos Rebelo Gonçalves. Ora a verdade toda é que ainda me não determinei se irá este ou o Júlio Mendes. É porque qualquer um deles faz falta na sua obrigação, e pode muito bem acontecer que eu vá sòzinho. Quanto à finalidade da viagem, muito se diverge; assim é que tenho ouvido e tenho lido que se vai fundar em Luanda uma Casa do Gaiato. Nada disso. Se nós não temos pessoal para fundar casas no Continente como fazê-lo no Ultramar? Não vamos fundar coisa nenhuma. É muito mais modesto o nosso intuito. A razão da viagem é simplesmente esta: Como nós temos já alguns rapazes em África e muito mais hão-de ir, pretende-se visitar cada um dos que já foram e estudar ao mesmo tempo a possibilidade de conseguir uma residência para os deles que estamos preparando aqui. Será uma extensão da nossa vida de comunidade; um Lar de trabalho, se assim lhe quizerem chamar. Um Padre da Rua tomará conta. Vai pelas casas onde eles trabalham. Informa-se. Aconselha. Ajuda. Abençoa novos lares. E porque em África, — coloniza.

directão à baliza contrária, e disparou um remata forte, tateando e a bola tocou as malhas. Estava feito o resultado. A nossa equipa mereceu a vitória, pois trabalhou para ela.

Como sabem na casa n.º 1, que é onde ficam os maiores, temos uma gramofonola, mas com muito poucos discos e, os poucos que são, é tudo estrangeiro; nós disso não percebemos patavina.

As agulhas estão também um pouco gastas. Por isso meus caros leitores amigos, se alguns tiverem lá por casa alguma destas coisas que não sejam precisas, enviem-nos que os rapazes saberão agradecer. Quem fizer a gentileza de nos enviar alguns, é favor de não mandar para o Lar do Porto, se não somos roubados...

JULIO GOMES



Mais alegria. Mais gosto de viver. Ontem era nas tocas!



## Do que nós NECESSITAMOS

Mais da Ilha Terceira, 400\$ para o Barredo. Mais de Tete roupa e calçado. Tete é quase no fim; mais dois passos e chega-se a Zumbo, aonde a terra acaba. Saiba a Ana de Lima Alves que sim; aqui recebe-se tudo. Mais 100\$ do Marco de Canavezes, *para ser gasto com criancinhas doentes*. Mais outro tanto do Hotel de Turismo de Castelo Branco. Mais 20\$ de Lisboa. Mais 60\$ do Zé António, *primeiro abono do nosso filhinho*. Aqui se prova o valor das novas leis do Novo Estado, pelas maravilhosas oportunidades que dão às almas! Mais 200\$ do Porto. Na carta vinha a dizer: *Depois de ler o Gaiato uma pessoa dá o que tem*. Peço perdão. Não é bem assim. Não é só o Gaiato, é a pessoa. E tanto assim, que muitos há que têm e acham muita graça, graça e mais nada. Por isso, queira dar graças ao Pai Celeste e conserve-se na humildade, que é irmã gémea da verdade. Mais 100\$ do Porto *de uma professora e mãe*. Esta mãe é professora de um dos nossos rapazes, a quem faz entrega do dinheiro. O rapaz, podia ficar com ele, as cidades oferecem vantagens. A idade aprova. Tudo convida. Mas não. Ela é mãe! Basta. Mais do Porto, 50\$ *para a viúva da Nota da Quinsena*. Muito tenho que dizer, mas fica para mais tarde. Eu fui pessoalmente a casa dela. Mais de Lisboa 100\$. Mais outro tanto de Faro. Mais de uma escola que nos visitou, 147\$50. Mais de outra 50\$. Mais 100\$ do Estoril. Mais 500\$ para as conferências da Obra, de um Engenheiro que se encontra actualmente no Canadá. Mais 1.000\$ de Francelos *pele saudoso Filho*. Mais 50\$ de *A Comarca de Arganil*. Mais 200\$ de Tete. Mais 20\$ de uma promessa. Mais 50\$ *do Bendito Seja Deus*. Mais 100\$ de Lisboa. Mais 20\$ de Algueres. Mais 10\$ que alguém manda entregar e outro tanto de quem entrega. Mais 20\$ de uma *pecadora de Lisboa*. Mais 70\$ de Faro. Temos aqui dois donativos de 50 e de 100 cada um, destinados à vaca da conferência, porém, como esta, a vaca da conferência, deve chegar à estação de Cete brevemente, no próximo número se dirá de como tudo aconteceu. E mais nada.

## Queima das Fitas

O peditório da Queima foi admirável. Ontem, tinha sido o da Assistência aos Tuberculosos. Anteriormente o dia do Capacete; parece que o Porto devia estar escoado. Mas não. Chegou aos trinta deles. Dizem que as vacas, quando amamentam, nunca dão o leite todo Guardam para o filho... Mais do que o instinto pode a razão. O Porto guardou para os seus filhos!

A Comissão da Queima, — muito saudar.

# Tribuna de Coimbra

Histórias da história da nossa casa:

Comecemos pelo Adélio, o chefe. É dos rapazes que mais trabalho tem dado. Antes de ser chefe, era o número um nos tribunais; depois de o ser, há um ano, já foi três vezes. É um rapaz de repentinos; o pai é assim também. Para isto chamo eu muitas vezes a atenção do filho. O Adélio quer ser serralheiro mecânico e há-de sê-lo, que ele tem habilidade. Ele é o constructor de carros e motos e gaiolas e bancos e tudo o que toca o génio dos homens. Mas para o que ele tem mais habilidade é para apanhar coelhos bravos. De vez emquando aí vem o Adé-

## De como foi a venda EM GUIMARÃES

Desta vez fui para Guimarães vender «O Gaiato». Como os senhores sabem, nós, os vendedores, somos obrigados a ir para onde nos mandarem. Os meus fregueses deviam ter estranhado por eu não ter ido para Viana, como o costume, — mas eu vou dizer o motivo porque fui para Guimarães.

É que em Guimarães há um senhor que dá 6 prémios, aos vendedores que venderem mais lá. O melhor é um relógio no valor de 600\$00! Vão lá todas as quinzenas dois, um do Porto, com um de Paço de Sousa.

Como os senhores vêm, todos vendem com entusiasmo. Mas ainda não está tudo, é que os vendedores do Porto querem os prémios para eles, e os de Paço de Sousa também.

Vejam os leitores como há-de ser isto? — Eu digo, o Carlos chefe do Lar do Porto quer que os vendedores dele ganhem os prémios, mas os de Paço de Sousa fazem birreira. E, ainda mais o nosso Pai Américo é por os de Paço de Sousa. E basta que o nosso Pai Américo acuda por nós para nós vencermos... Eu posso nomear o nome do senhor que oferece os prémios! Chama-se senhor Guimarães e este senhor queixar-se que o Carlos não manda os rapazes como deve ser. Uma vez, manda um que vende muito com um que vende pouco e doutra vez manda dois que se batem bem. E isto não está bem para os de Paço de Sousa.

Houve um senhor que ficou um bocadinho triste, com o meu relatório sobre o «SPORTING».

Os senhores benfiquistas e portistas, não tomem a mal. Cada um defende o seu clube como pode. Ain lá torno a falar sobre Guimarães. Fomos para lá dois. Eu e o Fominhas, um rapaz que já ganha o pão com o suor do seu rosto. Também vou dizer onde comemos.

Foi em casa do senhor que eu já falei; do Senhor Guimarães.

Também comemos muito bem. Vejam os caros leitores que em toda a parte, nos recebem com especial carinho. Deus pagará todo este bem que os senhores reparam conosco.

Hélio

lio com um. Como foi, não sei. Há dias andava no nosso olival e ele foi beber a um preço e quando subiu pôs a mão numa toca do bordo donde saiu um coelho e ele com o susto casu ao poço, mas apanhou o coelho. Os outros acorreram e tudo se salvou.

Outro az de aventuras é o falado Zé Bolas. Já muitos têm afirmado que é o rapaz mais gaiato que temos. A sua história tem corrido púlpitos e palcos. Ele acamaradava bem em tudo como Adélio, menos na força. Outro dia vinha Zé Bolas com Joaquim (outro que tal), que trazia na mão um coelho quase morto. Nisto encontra-os o fiscal da Venatória que apresenta documentos e exige a caça. Joaquim cheio de medo entrega e Zé Bolas fica-se. Mal o fiscal vira costas com o coelho pendurado na mão, Zé vai de mansinho atrás dele, dá-lhe um soco na mão, o coelho cai e Zé Bolas pega-o, foge para casa e quem comeu o coelho fomos nós.

Há dias, andando os nossos rapazes ao mato, o Nerito levantou uma lebre que veio direita ao Zé Bolas e este atira-lhe com uma enxada e parte-lhe uma perna e à noite entram todos triunfalmente no refeitório onde os outros já ceavam e foi uma festa com a lebre viva a passear no refeitório e mais festa depois dela arranjada no prato de quem a comeu.

No domingo passado indo os nossos assistir à Santa Missa à igreja paroquial, o Zé Bolas encontra um papel embrulhado e atado. Muitos já tinham passado, não fazendo caso. O rapaz pega no papel e vendo que tem dinheiro corre à sacristia a entregar, sem se importar de qual a quantia. Só na sacristia viram que era 170\$00. O Sr. Prior à estação da Missa teceu um grande elogio ao rapaz e um Senhor Doutor no fim pegou em quatro moedas de 2\$50 e deu-lhe. Zé das Bolas antes de ser nosso andava fugido da polícia tais as que ele fazia. Hoje corre a entregar à igreja. Troca total de caminho.

PADRE HORÁCIO

## Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

Ainda há bem pouco tempo o Avelino me informou que temos pouco dinheiro, e que são horrinhas de pagar a conta ao farmacêutico. Os cabelos pularam... Julguei que estávamos à beirinha do déficit e não me enganar! Felizmente, a nossa maior preocupação não é ver quanto temos em caixa. Damos sem medida, com a convicção de que damos bem. Isto basta.

Mais, passam-se tempos e tempos que nem para as colunas Deve e Haver do tesoureiro, deitamos olho! melhor assim, de mãos arregaçadas. Trab alha-se melhor e é mais prático e eficiente. — Uma Senhora da capital enviou 10\$00. Outra de Negrelos cinquenta. O Snr. Eng.º Subtil de Lisboa explicou-se também com 50\$00. Mais de uma Senhora alfacinha vinte e por fim, uma tripeira que muito vos quer, remeteu-nos 200\$00 e um peditório pela conversão dum filho muito desviado dos deveres de um bom cristão.

Picamos por aqui. Pedimos aos senhores que se não esqueçam da nossa direcção: Casa do Gaiato — Paço de Sousa. A todos um muito e muito obrigado.

Júlio Mendes

## Serviços Municipalizados

São os Serviços do Porto. É sempre o Porto que tem a palavra. O Tino, vendedor, ontem fez entrega de 707\$50, dos funcionários e operários daquele Estabelecimento. Já antes e pelo mesmo vendedor, havia sido entregue a soma de 923\$00. É o mealheiro. Um mealheiro situado na Tesouraria, tem esta voz eloquente de Subalternos!

## AGORA

Peso da Régua vai com trinta para uma telha Porto leva 100\$. Outra vez o Porto com 20\$. Ao lado vai Buarcos com outro tanto. A seguir Famalicão e a par outra vez o Porto, todos com 20\$. Santarém também quer ir. O horticultor de Castromil, oferece rosas e plantas e árvores de fruto e tudo quanto se lhe peça para riqueza e adorno dos quintais. A seguir, num tabuleiro dourado, vão 60\$ do abono de família do meu filhinho. A mãe dele vai ao pé a tomar conta. Os senhores afastem-se. Acautelem-se. Não pisem os inocentes. A mãe quis mandar o primeiro abono, mas na maré precisava. Tudo isto é sublime. Tudo isto fala. Tudo isto ergue o mundo. Ela pede para que o dinheiro seja aplicado num *grãozinho de areia*. Outra vez o sublime. Ela quer o pequenino, o escondido, o invisível! Os senhores afastem-se e deixem passar; é uma viúva com o seu filhinho: *Fez ontem três anos que fiquei sem o meu marido*. Casada de nove meses, ficou à espera de ser mãe. *Tenho sofrido e chorado muito mas um beijo dele basta para que eu esqueça tudo: são as rosas do meu caminho*. Nunca passou aqui uma procição assim; e tudo num *grãozinho de areia*! O Porto torna com 300\$. Aveiro também vai aqui. Um visitante de Anadia vai com 500\$. Um senhoras do Porto que nos visitaram, levam 360\$ para vidros. A Ilha Terceira leva 400\$. O pessoal do escritório da Chenop vai com 220\$ relativos ao mês de Abril. Diz a carta que as outras secções ainda se não pronunciaram. Mas nós esperamos. Nós estamos afeitos às demoras e é por isso mesmo que andamos a construir apressadamente! As obras de Deus têm destes paradoxos.

Meus senhores e minhas senhoras eu vou pregar um sermão. São casas. Mais casas. É preciso que todos participem e se tornem ricos e faça cada um a sua felicidade. Uma dúzia de contos que me seja entregue, não vem só. É uma nota que faz vibrar multidões. Primeiramente, os que trabalham no cabeçalho e no corpo da subscrição; e a seguir todos quantos subscrevem. Depois venho eu. Eu preciso de alento. Eu tenho necessidade de rosas no meu caminho para usar a preciosa imagem da Viúva que vai aqui ao pé de nós. Preciso, sim, se não desanimo. A seguir, vêm os ocupantes das novas casas. O; da Barraca. Os Torturados. Para estes é maior a alegria porque mais extensa. Por isso aqui estou a pedir. Se alguém é amigo; se alguém admira; se alguém aprecia; se alguém quer ajudar, esse não fique em palavrões e mande-me na volta uma dúzia de contos para mais uma casa. Tenho dito.